

Giovanni Traettino

O ministério apostólico e a unidade da Igreja*Observações preliminares para uma reflexão conjunta***A missão do apóstolo**

A *missão* confiada ao apóstolo é definida essencialmente por seu **mandato** (gr. «apostello»; ver também o hebraico «shaliah»).

Seu *mandato* abrange:

- **A revelação** do mistério de Deus
- **O anúncio** do mistério de Deus
- **A construção** do mistério de Deus

Ou seja, com uma inteligência obediente (o *pensamento* iluminado pelo diálogo íntimo e pessoal com Deus, pela busca e pela reflexão na *oração*), a transmissão fiel (a *palavra*, sobretudo na pregação e no ensino, do «*testemunho apostólico*»), a edificação (pela recuperação e restauração, ou seja, a *continuação* do «*serviço apostólico*») do mistério de Deus.

Este *mandato*, recebido «*não de parte dos homens nem por meio de um homem, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai*» (Gálatas 1:1; ver também Efésios 4:11 «**Foi ele quem deu a uns... a outros... a outros**»), é o objeto de sua revelação, seu peso e sua responsabilidade. O conteúdo e o cerne desse *mandato* são o fundamento que, antes e acima de tudo o mais, ele é chamado a estabelecer na vida das pessoas e das comunidades.

O apóstolo e a unidade

Qual é, no entanto, a *contribuição específica* do ministério apostólico para e com vistas à construção *da unidade* da Igreja?

Grande em todos os sentidos, pois tem a ver com a revelação, o anúncio e a construção do «mistério de Deus», com a responsabilidade, em primeiro lugar apostólica, de «*lançar os alicerces*» (1 Cor. 3,10-11).

O ministério apostólico é, por excelência, o ministro da unidade.

De fato, a unidade está relacionada a:

- a. **o fundamento** da vida (*identidade*) e da própria natureza (qualidade e estrutura *interna*) de **Deus** (2 Tim. 2:19 «**O sólido fundamento de Deus permanece firme**»), revelado e manifestado **em Cristo** («*a imagem do Deus invisível*», Col. 1:15).

«O cristianismo é uma imitação da natureza divina» (São Gregório de Nissa).

- b. **o fundamento** da ação e da manifestação de Deus na história por meio da **Igreja** («prorrogação» da encarnação!?) > 1 Cor. 12,12 «*outos ò Christòs*»; Ef. 1,22-23 «*a Igreja... plenitude daquele que tudo leva à plenitude em todos*»).

«A Igreja é uma imagem da Santíssima Trindade» Vladimir Lossky;

«A Trindade é a Igreja antes da Igreja» – São Gregório de Nacianzo.

É interessante considerar o caminho da Igreja como «**um caminho da Trindade para a Trindade**»

(«*O Pai, de quem toda família nos céus e na terra recebe o seu nome*» Ef 3, 14-15).

Porque:

- **a unidade** está no cerne da natureza e da revelação de Deus (Pai/Filho/Espírito Santo) («**Eu e o Pai somos um**», «*Iremos para ele e habitaremos com ele*», «**Como eu e o Pai somos um**»; o dogma trinitário: «**Um só Deus em três pessoas iguais e distintas...**»).

A Trindade se revela como uma unidade de pessoas em uma relação articulada (*estruturada* > *episcopè*) e indissolúvel (*Aliança! iBerit-Diatèke!*) de amor (*koinonia*) e de serviço (*diakonia*). Esta unidade diz respeito à própria identidade de Deus. Esta unidade *precede* e *funda* a unidade da/para a Igreja, que dela *provém* e dela se alimenta. Portanto, a unidade não é nem pode ser uma opção. Certamente uma unidade plural, mas unidade, afinal de contas. Certamente a unidade de uma relação, mas unidade, afinal de contas. A unidade não pode ser uma opção porque diz respeito à própria natureza de Deus, e, *portanto*, à natureza da Igreja. (Também nesse sentido, «A Trindade é a Igreja antes que a Igreja»).

- **A unidade** está no cerne da natureza e da revelação da Igreja, que é o reflexo e a imagem da vida trinitária de Deus («A Igreja é uma imagem da Santíssima Trindade», Vladimir Lossky).

.

O Corpo de Cristo, a Igreja como uma **aliança** de relações, como **uma comunhão** (ver a Trindade) na qual a unidade e a pluralidade se implicam inseparavelmente uma à outra.

· **A unidade** está no cerne do objetivo da “reconciliação” universal, que é o objetivo final de Deus na história. (Ef 1,10; Rm 11,36).

Portanto, precisamente porque *a unidade é tão radical e central no fundamento* de Deus, da Igreja («coluna e baluarte da verdade», 1 Tim. 3,15) e da “recapitulação” final de todas as coisas em Deus, deduz-se necessariamente que o ministério apostólico (tanto individual quanto coletivo), enquanto ministério fundamental, deve ser, e não pode deixar de ser, um ministério de unidade.

Es más, **el ministerio de la comunión y de la unidad por excelencia**. Como catalizador y coordinador de los demás ministerios de Ef. 4:11, como referente central y definitivo de la koinonia, la diakonia y la episcopè de las iglesias y de la Iglesia, como continuador del servicio apostólico en la Iglesia (continuidad histórica), como responsable último de la fidelidad (verdad) al «testimonio apostólico originario» (léase: Antiguo y Nuevo Testamento).

La construcción de la unidad

La autoridad (*exousia*) que se le ha conferido (¡recuerda al hebreo *shaliah* y al principio rabínico según el cual el mandatario es como el mandante!) está en estrecha relación con *el mandato* que debe llevar a cabo y del cual —en cuanto «titular mandatario» y «plenipotenciario»— es responsable ante Dios.

No entanto, essa autoridade se autentica e se consolida, além da fidelidade à Palavra, também pela comunhão e submissão ao colégio apostólico. Considere-se, a esse respeito, o chamado Concílio de Jerusalém (At 15). Mas também a atitude do apóstolo Paulo, que, três anos depois de Damasco, vai passar quinze dias com Pedro (Gál 1,18), e, após quatorze anos de intenso ministério, retorna junto aos apóstolos mais proeminentes — Tiago, Cefas e João — para lhes expor o conteúdo de sua pregação e receber a confirmação e a aprovação (um precedente interessante para o desenvolvimento de uma prática de “reconhecimento”!) que lhe assegurem que não correu em vão (Gálatas 2:2). Ou ainda a humildade demonstrada por Pedro ao aceitar a correção e a repreensão quando necessário (Gálatas 2:11-16).

Na bispado pessoal

A construção é levada adiante (o tema da *continuidade* = comunhão e verdade) com os dois elementos constitutivos da ação apostólica:

- *o bispo* (At 1,20) e
- *deixou a diaconia* (At 1,25)

Ou seja, as duas funções essenciais do:

a. *governo* (por meio da orientação, supervisão, discernimento e conexão), e do

b. *serviço*

Mais especificamente, delegadas aos *ofícios* (que não devem ser confundidos com os *ministérios*) —de

«constituição» apostólica (os «12»/o Novo Testamento), em continuidade e seguindo o modelo do Antigo Testamento — dos:

a. *presbíteros* e

b. *diáconos*

Que são, por assim dizer, “o braço direito” e “o braço esquerdo” da ação apostólica na administração das igrejas locais.

O episcopado colegiado

Embora exista uma *dimensão pessoal* e, por assim dizer, individual, tanto da *vocação* quanto do *mandato* apostólico, é indubitavelmente certo que o mandato apostólico não se esgota na dimensão pessoal, mas requer, por sua própria natureza, para o correto exercício do mesmo e para os objetivos de sua ação, também a *dimensão «colegiada»*. Existe uma *episcopè* e uma *diakonia* das quais o apóstolo individual é titular (com limites espaciais e temporais). Existe uma *episcopè* e uma *diakonia* das quais são titulares colegialmente («solidariamente») os apóstolos em relação e em comunhão entre si (At 18,28 «*Pareceu-nos bem ao Espírito Santo e a nós*»). No Novo Testamento há uma indicação clara, e em todo caso um sentido claro, da natureza colegiada do ministério apostólico. Da apostolicidade como serviço à unidade e à «catolicidade» (no tempo, no espaço e na verdade) da Igreja.

Portanto, a *koinonia dos apóstolos* é necessária para a ligação, a conexão, a unidade orgânica (e, gradualmente e em perspectiva, também organizacional = *visível!*) das comunidades locais (na dimensão translocal), nacionais e continentais (a dimensão internacional, universal, «católica») presididas por eles (*episcopè*).

Esto permite reconocer el espacio para el ejercicio del ministerio individual, pero siempre *en vínculos de unidad y verdad* con la *episcopè* colectiva, con la esfera y la responsabilidad del gobierno apostólico colegiado. **En última instancia, la apostolicidad de la Iglesia está confiada a los apóstoles en comunión de amor y de verdad entre ellos.**

La *koinonia* y la unidad de los apóstoles son necesarias como *diakonia* autorizada para que la Iglesia universal crezca en el amor y en la verdad (de la verdad en la caridad a la verdad en la unidad) en nuestras Iglesias particulares y en toda la Iglesia, con vistas a esa «plenitud» ya expresada en Cristo, y que sigue siendo la meta ineludible de Dios para toda la Iglesia.

Giovanni Traettino